

O DESAFIO DA PRONÚNCIA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE INGLÊS

Andressa BRAWERMAN-ALBINI*
Denise Cristina KLUGE**

ABSTRACT: This article aims at discussing some relevant issues related to the importance of pronunciation in initial and continuing education of English teachers in Brazil through some questions such as: What do teachers think about it? Do they teach pronunciation to their students? Should teachers know English Phonology in order to teach English? Does this lack of information influence student's learning? Do teachers have pronunciation classes throughout their education? Do teachers have difficulties in English pronunciation? Which ones? Do they consider their own pronunciation important to their students? In order to discuss these topics, one questionnaire was applied to a group of Brazilian English teachers and another one to a group of Brazilian future teachers of English. In general, the results reveal the importance of pronunciation for both groups as well as their challenges in teaching and learning it.

KEYWORDS: Pronunciation teaching, English teacher pronunciation, English teacher education.

1. Introdução

O ensino de pronúncia nas escolas brasileiras tem sido bastante negligenciado (Piske, 2007). Muitos professores não gostam e não estudam o assunto, preferindo omitir esta parte do ensino. É comum ouvir alunos de Letras mencionando que não gostam de Fonética e Fonologia, bem como estudantes de línguas dizendo que o estudo de pronúncia é desagradável ou desnecessário. De acordo com Koerich (2002), a maioria dos professores de inglês brasileiros não recebeu treinamento em Fonética e Fonologia nas últimas décadas. Comparando-se a quantidade de exercícios dedicados à pronúncia e o tempo dedicado à prática de outras habilidades nos livros didáticos ou na sala de aula, percebe-se claramente que o ensino de pronúncia é muitas vezes negligenciado e/ou pouco praticado. Isto nos leva a algumas reflexões: será que isso afeta a pronúncia de nossos alunos? Como professores, como a nossa própria pronúncia influencia a de nossos estudantes? Até que ponto o *input* fornecido pelos professores influencia a pronúncia dos alunos de língua estrangeira?

Segundo Watkins, Brawerman-Albini e Bertochi (2010), muito de alunos e professores de inglês comentam que a pronúncia é constantemente deixada de lado, sem treinamento específico. Ainda, professores nativos são raros e uma causa comum da pronúncia incorreta dos alunos é simplesmente um *input* incorreto e a falta de correção. Assim, a instrução e a prática de pronúncia de forma mais eficiente certamente beneficiaria muitos brasileiros, tornando-os mais facilmente compreendidos em um mundo que cada vez mais utiliza a língua inglesa para a comunicação oral. Ainda, Holden & Rogers (2002) chamam a atenção para o fato de que os alunos tendem a imitar seus professores, o que significa que se os professores têm dificuldades com a pronúncia, seus alunos irão provavelmente incorporá-las.

Delatorre (2007) argumenta que a falta de conhecimento de alguns professores faz com que eles tenham dificuldades em identificar erros na pronúncia de seus alunos e em ajudá-los a resolvê-los. Um problema atual, segundo a autora, é a ênfase dada pela maioria dos cursos de línguas na comunicação e fluência, não priorizando as produções corretas. A atual

* Doutoranda; Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

** Doutora; Universidade Federal do Paraná.

abordagem comunicativa parece não saber como tratar a pronúncia durante as aulas. A pesquisa conduzida por Delatorre (2007) mostra que os professores possuem dificuldades com a fonologia da língua inglesa possivelmente porque este é um campo considerado muito difícil por professores e alunos de Letras. Essa dificuldade continuaria no mercado de trabalho, pois muitas escolas pouco se dedicam à prática de pronúncia, provavelmente por considerarem muito difícil lidar com ela ou porque acreditam que uma pronúncia nativa não seria alcançada por aprendizes. O problema é que esses professores e coordenadores parecem não saber que o foco principal do uso da pronúncia na sala de aula seria desenvolver a consciência dos erros de pronúncia, melhorando, assim, a pronúncia dos alunos.

Um estudo conduzido por Moreira (2001) investigou como o inglês é ensinado nas escolas públicas na região metropolitana de Florianópolis. Em relação à pronúncia, os resultados mostraram que a maioria dos professores de inglês, que são não-nativos, não ensina pronúncia porque não se sente confiante ou apto suficientemente para isso. A maioria dos professores revelou que não receberam instrução em fonética e/ou fonologia do inglês durante a graduação. Esta situação é muito intrigante, já que instrução em pronúncia é bastante eficiente e necessária principalmente nos níveis iniciais de aprendizagem da L2 (Baptista, 2000).

Outro aspecto muito discutido atualmente é que tipo de pronúncia ensinar aos futuros professores: uma pronúncia inteligível ou aquela semelhante ao do falante nativo? Kenworthy (1987) (apud Cruz, 2007) sugere que, apesar de que a pronúncia inteligível deva ser o alvo a ser atingido pela maioria dos aprendizes de inglês, aqueles que desejam ser professores devem ter uma pronúncia próxima a do falante nativo de inglês. Já Jenkins (2000) negligencia a pronúncia do nativo como alvo, tanto para aprendizes quanto para professores, argumentando que o número de falantes não-nativos de inglês excede o de nativos e que o objetivo do ensino deve ser a inteligibilidade. Em relação a essa discussão, Cruz (2007) argumenta que os professores devem, antes de tudo, conhecer as inspirações de seus alunos: “Temos o receio de que, talvez, ao propormos um alvo de pronúncia que não seja aquele que os alunos almejam, eles possam se sentir desmotivados a praticar e estudar pronúncia, uma vez que os seus objetivos de alcançar a pronúncia do nativo poderão ser abandonados.” (p. 370). Cruz (2007) ainda argumenta que um segundo passo seria discutir com os alunos e fazê-los refletir sobre suas crenças em relação ao sotaque estrangeiro para que eles pudessem discernir entre um sotaque forte e fraco e tentassem adquirir um mais fraco, evitando a produção de aspectos de pronúncia que comprometessem a inteligibilidade de suas falas.

A ideia de pesquisar as opiniões de professores e futuros professores de inglês sobre o papel da pronúncia em sua formação surgiu a partir das reflexões do trabalho de Moreira (2001) com professores de inglês, e de Brawerman (2006) e Brawerman-Albini (2009) com estudantes brasileiros de inglês e futuros professores estudantes de Letras, respectivamente.

Brawerman (2006) realizou uma pesquisa para analisar a produção do acento por estudantes brasileiros de inglês em palavras sufixadas. Foi mostrado que o padrão pré-proparoxítono é bastante problemático para brasileiros, que assinalam este acento de forma constantemente incorreta. O grande problema é que palavras do tipo pré-proparoxítonas são extremamente raras no português brasileiro (PB) e deve haver uma restrição muito forte bloqueando este tipo de acentuação pelos falantes de PB. Esta dificuldade seria agravada pelo fato de que os estudantes brasileiros dificilmente ouvem essas palavras acentuadas de forma correta, já que muitos dos seus professores são brasileiros que também possuem esta forte restrição ao acento pré-proparoxítono. A falta de conhecimento dos professores também gera falta de correção durante as aulas, não dando oportunidade aos alunos de tentar consertar seus erros. Com a soma de input incorreto e falta de correção, dificilmente o *output* será correto.

A partir deste trabalho, Brawerman-Albini (2009) fez uma pesquisa com alunos de Letras para verificar se eles também possuem esta dificuldade com o acento pré-proparoxítono. Como eles serão futuros professores de inglês, poderia se checar que tipo de input eles passarão aos seus alunos. Novamente, demonstrou-se a grande dificuldade na produção do padrão pré-proparoxítono se comparado aos padrões comuns no PB (paroxítono e proparoxítono). Pode-se acreditar que esta restrição da língua materna é tão forte que só pode ser superada por falantes brasileiros, sejam alunos ou professores, a partir de uma extensa prática. Entretanto, como já foi mencionado, essa prática em atividades de pronúncia parece ser bastante incomum nas salas de aula.

A partir dos estudos revisados acima, esta pesquisa preliminar objetiva investigar e discutir alguns questionamentos: Os professores e os futuros professores de inglês têm consciência da influência da sua pronúncia na de seus alunos? Como os professores e os futuros professores de inglês consideram o ensino de pronúncia que tiveram/têm durante a sua formação? Para essas e outras perguntas, foram desenvolvidos dois questionários, um para professores e outro para futuros professores, que serão descritos detalhadamente na próxima seção.

2. Método

Os participantes foram compostos por dois grupos: um de professores e outro de futuros professores de inglês. O primeiro grupo foi composto por 11 professores de inglês formados em Letras que trabalham ou já trabalharam em escolas da rede pública do Paraná. O tempo de docência destes professores varia de 1 a 15 anos, com média de 6 anos e meio de experiência em sala de aula.

O segundo grupo foi formado por 15 futuros professores, estudantes de Letras (Inglês ou Português/Inglês) da Universidade Federal do Paraná. A maioria desses alunos fazia parte de um curso de pronúncia da língua inglesa, ofertado de forma opcional dentro da universidade, mas não como uma matéria obrigatória da graduação.

O questionário aplicado a professores de inglês (Anexo 1) contém 12 perguntas sobre a importância da pronúncia na aprendizagem da língua, a ênfase dada à pronúncia na sua formação, o que eles pensam sobre o assunto e como abordam a pronúncia em suas aulas. Por sua vez, o questionário aplicado aos futuros professores estudantes de Letras (Anexo 2) contém 10 perguntas sobre a importância da pronúncia, o tipo de ensino que eles tiveram/têm sobre o assunto no seu curso de graduação, suas opiniões sobre o papel da pronúncia e se pretendem abordá-la em suas futuras aulas. Os questionários foram respondidos individualmente e em português para garantir que os participantes pudessem expressar melhor suas opiniões. Juntamente com os questionários, os participantes também assinaram um termo de consentimento.

Para a análise preliminar dos questionários, optou-se por analisar somente as perguntas relevantes ao objetivo específico deste artigo e que fossem equivalentes nos dois grupos investigados. Para tanto, em relação à importância da pronúncia e do ensino desta, foram analisadas as perguntas 2, 8 e 11 para o grupo de professores, e 2, 7 e 8 para o grupo de futuros professores. Em relação ao papel da pronúncia na formação destes professores/futuros professores de inglês, foram analisadas as perguntas 4, 5, 6 e 12 para o grupo de professores e 4, 5, 6 e 9 para o grupo de futuros professores. As respostas das perguntas relacionadas acima para os dois grupos de participantes serão apresentadas e discutidas nas duas seções seguintes.

3. Resultados do questionário com professores de inglês

Conforme mencionado anteriormente, foram analisadas as perguntas 2, 4, 5, 6, 8, 11 e 12 do questionário aplicado aos professores de inglês. Em relação à importância da pronúncia no ensino do inglês (perguntas 2, 8 e 11), de um modo geral, parece que a maioria dos professores de inglês pesquisados considera a pronúncia importante, mas não prioritária ou principal no ensino da língua inglesa. Analisando a pergunta 2 do questionário, que pede para que os professores numerem a importância das habilidades de uma escala de 1 a 6, sendo 1 a mais importante e 6 a menos importante, percebe-se que a posição ocupada pela pronúncia em relação a outras habilidades não é prioritária. Seis dos 11 professores pesquisados marcaram pronúncia como quinta ou sexta colocada; um considerou como quarta e apenas quatro professores numeraram a pronúncia como segunda ou terceira colocada.

Ao responder a questão 8, que pergunta aos professores sobre a importância do ensino da pronúncia, todos consideraram o ensino de pronúncia importante. De um modo geral, os professores consideram o ensino da pronúncia muito importante, pois proporciona ao aluno “uma boa aprendizagem de fala” e “oportuniza ao aluno uma melhor conversação”. Um dos professores ressaltou que acredita que o ensino da pronúncia é importante, mas somente após o ensino da gramática.

Em relação à pergunta 11, que questiona como os professores destacam a importância de sua pronúncia na aprendizagem de seus alunos, todos os participantes a consideraram de extrema importância, pois “os alunos irão se basear na pronúncia do professor”. A pronúncia do professor, segundo os participantes, serve de modelo para os alunos.

As perguntas 4, 5, 6 e 12 investigaram o papel da pronúncia na formação dos professores desta pesquisa. A pergunta 4 questionava se os professores cursaram alguma matéria específica de pronúncia ou fonologia da língua inglesa durante a graduação. Apenas um dos participantes respondeu afirmativamente. A maioria dos participantes respondeu que nunca cursou matéria que abordasse tal tema, mas que gostariam de ter cursado por considerarem muito importante.

A pergunta 5 questionava se os professores consideram o ensino de pronúncia que tiveram durante a sua formação suficiente. Dez professores responderam que consideram o ensino de pronúncia insuficiente durante sua formação. A maioria relatou que infelizmente teve pouco enfoque deste assunto durante a graduação.

A questão 6, que pergunta se os professores possuem dificuldade com a pronúncia da língua inglesa, obteve quatro respostas negativas e sete respostas positivas. As maiores dificuldades relatadas pelos professores que responderam afirmativamente foram dificuldade com a pronúncia em geral, dificuldade em compreensão de sotaques diversos, problemas com a compreensão oral de forma geral e dificuldade com a acentuação das palavras e com sons específicos como o “*th*”.

Todas as respostas da questão 12, que perguntava se os professores acreditavam que o conhecimento de noções teóricas da fonologia da língua inglesa era importante na sua formação de professor, foram afirmativas. De maneira geral, os professores acreditam que o professor tem que ter o conhecimento teórico profundo da língua para melhor ensinar o aluno. Dois dos professores também destacaram que o conhecimento teórico é “a base da boa pronúncia”.

4. Resultados do questionário com futuros professores de inglês

No questionário com futuros professores de inglês, foram analisadas as perguntas 2, 4, 5, 6, 7, 8 e 9 que focalizam a importância da pronúncia e o papel da mesma na formação

desses futuros professores. Tal como ocorreu com os professores analisados, parece claro que a maioria dos alunos pesquisados considera a pronúncia importante, mas não essencial ou o principal no ensino da língua inglesa.

Analisando a pergunta 2 do questionário, que pede para que os alunos numerem a importância das habilidades, percebe-se que a posição ocupada pela pronúncia em relação a outras habilidades não é das mais importantes. Cinco dos 15 alunos pesquisados marcaram sua posição como a terceira colocada e quatro a consideraram apenas a quinta colocada. Ao responder a questão 7, que pergunta aos alunos sobre a importância do ensino da pronúncia, todos os alunos consideraram o ensino de pronúncia importante, mas alguns apenas de forma moderada e outros a consideraram fundamental. Entre os alunos que dizem que a pronúncia possui uma importância moderada, eles a consideram importante no aperfeiçoamento para tornar o falante compreensível, mas sem a necessidade de ser perfeito. Segundo um deles, a pronúncia seria “apenas a cereja”. Já para outros participantes, a pronúncia é “uma espécie de identificação de cada falante” e seria “fundamental para a formação de um profissional da área” por ajudar na comunicação oral.

As perguntas 4, 5, 6, 8 e 9 são especialmente importantes por focarem no papel da pronúncia na formação de professores. A pergunta 4, que indaga se os alunos já cursaram alguma matéria específica de pronúncia ou fonologia, obteve 10 respostas afirmativas. Entretanto, a maioria destes alunos diz que está cursando a oficina de pronúncia, mas ainda não teve a oportunidade de cursar uma matéria na graduação. Os alunos, de maneira geral, relataram que consideram a experiência do curso interessante, com muitos benefícios para correção de sua própria pronúncia. Relataram, ainda, que esse tipo de prática “dá uma nova percepção da língua”, “mostra detalhes que nem imaginamos que existem em relação à pronúncia” e “ajuda na produção e percepção dos sons, melhorando a comunicação”. Quanto ao curso de graduação, alguns alunos informaram que tiveram a oportunidade de praticar a pronúncia da língua em matérias de língua inglesa oral, o que, de acordo com uma aluna, foi “uma experiência maravilhosa que proporcionou progresso no aprendizado e, paralelamente, engrandecimento pessoal.” Os alunos que dizem que não cursaram matéria de pronúncia relataram que nunca viram oferta de disciplina focada nessa prática ou que existem matérias ofertadas, mas em estágios posteriores do curso.

A pergunta 5, que indaga se os alunos consideram o ensino de pronúncia que tiveram até hoje suficiente ou não, obteve um número de respostas divididas, com 8 respostas “suficientes” e 7 “insuficientes”. A maioria dos alunos dividiu esse ensino entre escola e cursos de idioma e o curso de graduação que estão cursando. Para eles, o ensino de pronúncia na escola e nos cursos de idioma era “pouco focado”, “insuficiente” ou “praticamente nulo”, até mesmo porque os professores pareciam “não ter conhecimento suficiente” do assunto. Entretanto, a maioria relata que essa prática tem sido satisfatória no curso de graduação, com professores mais exigentes, que tentam focar mais nesse assunto.

A questão 6, que pergunta se os alunos possuem dificuldade com a pronúncia da língua inglesa, obteve apenas uma resposta negativa, expondo o quanto esse aspecto da língua ainda é complicado para os futuros professores, mas mostrando também que eles têm consciência de suas dificuldades. Os alunos, de forma geral, relataram dificuldades com as vogais da língua e com a entonação. Relataram, ainda, possuir problemas para desvincular o inglês do português e para pronunciar sons que não existem em sua língua materna, como o “*th*” do inglês.

A pergunta 8 questiona como os alunos destacam a importância de sua pronúncia na aprendizagem de seus futuros alunos. Os participantes a consideram de extrema importância, pois “o professor deve ser o modelo de uma boa pronúncia para seus alunos”, que “normalmente têm a pronúncia do professor como referencial”. A pronúncia do professor,

segundo os participantes, é um exemplo para os alunos, pois “muitos alunos aprendem inglês imitando a pronúncia do professor”, que é “uma espécie de fonte segura onde se espelhar”. Um aluno ainda destacou sua pronúncia “como o principal pilar da construção do aprendizado” de seus futuros alunos e outra aluna relatou que já viu diversos professores pronunciando palavras de forma incorreta, o que a confundia, por não conseguir reconhecer a palavra ou viciá-la no erro.

Todas as respostas da questão 9, que perguntava se os alunos acreditavam que o conhecimento de noções teóricas da fonologia da língua inglesa era importante na sua formação de professor, foram afirmativas. Os alunos acreditam que o conhecimento teórico do professor ajuda os alunos a aprender como articular determinados sons e torna o professor capaz de diagnosticar os problemas na pronúncia dos alunos. Os participantes desta pesquisa ainda consideram que “toda noção teórica é indispensável ao bom professor”, que deve “se aprofundar na língua que ensina e conhecer seus mecanismos” e “dispor de todo conhecimento que possa contribuir para seu entendimento da língua e do aluno”. O conhecimento teórico daria ao professor “ferramentas que o auxiliam no ensino da língua, fazendo com que ele entenda o porquê das coisas.”

5. Considerações Finais

Como visto neste estudo preliminar, a maioria dos professores e alunos de Letras pesquisados considera a pronúncia importante em sua formação, apesar de não exercer um papel essencial. Ambos os grupos também demonstraram uma percepção clara da influência de sua pronúncia na de seus alunos e do quanto é importante que eles tenham uma pronúncia correta e conhecimentos teóricos que os ajudem na identificação dos problemas de seus alunos.

Em relação a possuir ou não dificuldades com a pronúncia da língua inglesa, apenas um estudante de Letras disse que não possuía, enquanto quatro professores disseram não ter problemas. Parece que o grupo de alunos foi mais objetivo em falar sobre suas dificuldades, enquanto que o de professores foi mais comedido, talvez por um possível receio de se expor, conforme apontado no estudo de Moreira (2002).

Os alunos de Letras demonstraram estar tendo maiores oportunidades de cursar matérias referentes à pronúncia ou fonologia da língua inglesa do que os professores pesquisados, que na sua maioria consideraram o ensino que tiveram na graduação insuficiente. Deve-se lembrar que o fato de a maioria dos estudantes que responderam a este questionário estar participando de um curso opcional de pronúncia pode ter influenciado o resultado desta pesquisa, pois os alunos demonstraram um especial interesse pela pronúncia por terem escolhido participar do curso. Outro aspecto que pode ter influenciado o resultado desta pesquisa é o fato de estarem em uma faculdade federal, com um ensino de língua estrangeiro considerado muito bom. Possivelmente, as respostas seriam diferentes caso esse questionário fosse aplicado em outras instituições, o que pode servir como sugestão para futuras pesquisas. Outra limitação da presente pesquisa é o fato de não ter sido perguntado aos professores a instituição na qual fizeram a sua formação para que esta informação fosse comparada com as dos alunos pesquisados.

De forma geral, tanto os professores quanto os estudantes de Letras demonstraram interesse em aumentar seus conhecimentos de fonologia e melhorar suas pronúncias. Como sugerido por Delatorre (2007), é necessário que os cursos de Letras e o mercado de trabalho, representado pelas escolas e cursos de inglês, dêem oportunidades para que os professores melhorem seus conhecimentos em todos os aspectos da língua que ensinam, incluindo a pronúncia, tão frequentemente negligenciada, mas essencial na formação desses profissionais.

Isso garantirá professores mais bem preparados e alunos mais motivados e melhor capacitados para se comunicar no mundo de hoje, que tão constantemente necessita de falantes inteligíveis de inglês em suas transações globais.

ANEXO 1

QUESTIONÁRIO PARA PROFESSORES

1. Identificação:
Email:
Onde você ensina inglês?
Há quanto tempo?
Você é formado em Letras?
Como você aprendeu a língua inglesa?
2. Numere as habilidades abaixo da mais importante (1) para a menos importante (6) na aprendizagem da língua inglesa, na sua opinião:
 leitura
 fala
 pronúncia
 escrita
 compreensão oral
 conhecimento de gramática
3. Você acredita que uma pronúncia deficiente possa prejudicar a comunicação? Como?
4. Você cursou alguma matéria específica de pronúncia ou fonologia da língua inglesa no seu curso de graduação? Caso a resposta seja afirmativa, o que achou da experiência? Se negativa, esse tipo de matéria costumava ser ofertada? Caso tenha sido ofertada, por que não cursou?
5. Como você classifica o ensino de pronúncia que teve durante sua formação? Foi suficiente ou seus professores focaram pouco nesse assunto?
6. Você tem dificuldades com a pronúncia da língua inglesa? Quais suas maiores dificuldades?
7. Quais os problemas de pronúncia que você mais identifica nos seus alunos?
8. Você acredita que o ensino de pronúncia seja importante? Por quê?
9. Você ensina pronúncia na sala de aula? Com que frequência? De que forma?
10. Você se sente à vontade para ensinar pronúncia? Por quê?
11. Como professor de inglês, como você destacaria a importância da SUA pronúncia na aprendizagem de seus alunos?

12. Você acredita que o conhecimento de noções teóricas da fonologia da língua inglesa seja importante na sua formação de professor? Por quê?

ANEXO 2

QUESTIONÁRIO PARA ALUNOS DE LETRAS

1. Identificação:

Email:

Que ano você está cursando?

Qual língua você cursa?

2. Numere as habilidades abaixo da mais importante (1) para a menos importante (6) na aprendizagem da língua inglesa, na sua opinião:

() leitura

() fala

() pronúncia

() escrita

() compreensão oral

() conhecimento de gramática

3. Você acredita que uma pronúncia deficiente possa prejudicar a comunicação? Como?

4. Você já cursou alguma matéria específica de pronúncia ou fonologia da língua inglesa no seu curso de graduação? Caso a resposta seja afirmativa, o que achou da experiência? Se negativa, esse tipo de matéria costuma ser ofertada? Caso tenha sido ofertada, por que não cursou?

5. Como você classifica o ensino de pronúncia que teve até os dias de hoje? Foi suficiente ou seus professores focaram pouco nesse assunto?

6. Você tem dificuldades com a pronúncia da língua inglesa? Quais suas maiores dificuldades?

7. Você acredita que o ensino de pronúncia seja importante? Por quê?

8. Como futuro professor de inglês, como você destacaria a importância da SUA pronúncia na aprendizagem de seus futuros alunos?

9. Você acredita que o conhecimento de noções teóricas da fonologia da língua inglesa seja importante na sua formação de professor? Por quê?

10. Você pretende ensinar pronúncia aos seus futuros alunos?

Referências

- BAPTISTA, B. O. A pesquisa na interfonologia e o ensino da pronúncia: Procurando a interface. In: FORTKAMP, M. B. M.; TOMITCH, L. M. B. (Eds.). *Aspectos da lingüística aplicada: Estudos em homenagem ao Professor Hilário Inácio Bohn*. Florianópolis: Insular, 2000.
- BRAWERMAN, A. *Uma análise de erros de estudantes brasileiros de inglês na acentuação de palavras com sufixos*. Dissertação de Mestrado. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2006.
- BRAWERMAN-ALBINI, A. O papel da percepção na melhora da pronúncia de falantes não-nativos. *Eletras*, v. 19, n. 19, 2009.
- CRUZ, N. C. Crenças de graduandos de inglês língua estrangeira sobre a própria pronúncia. In: ABRAHÃO, M. H. V.; GIL, G. RAUBER, A. S. (Orgs.). *Anais do I Congresso Latino-Americano sobre Formação de Professores de Línguas*. Florianópolis, SC: Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.
- DELATORRE, F. EFL teacher's education and the importance devoted to pronunciation in Brazil. In: ABRAHÃO, M. H. V.; GIL, G. RAUBER, A. S. (Orgs.). *Anais do I Congresso Latino-Americano sobre Formação de Professores de Línguas*. Florianópolis, SC: Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.
- HOLDEN, S.; ROGERS, M. *O Ensino da Língua Inglesa*. São Paulo: SBS, 2002.
- JENKINS, J. *Phonology of English as an international language: New models, new norms, new goals*. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- KOERICH, R. D. Ensinar Pronúncia? In: COSTA, M. J. D.; ZIPSER, M. E.; ZANATTA, M. E.; MENDES, A. (Orgs.). *Línguas: ensino e ações*. Florianópolis: UFSC/NUSPPLE, 2002.
- MOREIRA, M. A. R. *The use of the mother tongue in the foreign language classroom of the Great Florianópolis (SC) region: A study of state school teachers' perceptions*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.
- WATKINS, M. A.; BRAWERMAN-ALBINI, A.; BERTOCHI, M.. Suffering from Stress: Two English Stress Patterns that Give Brazilians a Hard Time. In: RAUBER, A. S.; WATKINS, M. A.; SILVEIRA, R.; KOERICH, R. D. (Orgs.). *The Acquisition of Second Language Speech: Studies in Honor of Professor Barbara O. Baptista*. Florianópolis: Insular, 2010.